

# Abertura

Há muitos anos que eu tinha vontade de escrever sobre os meus compatriotas!

Tive a sorte de desempenhar funções que me levaram a contactar com muitos deles, de todas as idades, de muitas profissões, ocupando os mais diversos cargos na sociedade portuguesa, de diferentes partes do território. Beneficiei, por isso, da possibilidade de os observar em acção, numa enorme variedade de posições e de circunstâncias. E sempre me interessou procurar explicações para o seu comportamento, quer por via da observação directa, quer pela leitura de textos que me ajudassem a compreendê-lo. Não me limitei à consulta de autores portugueses porque os de fora costumam olhar-nos de modo mais frio; algumas vezes com preconceitos, é certo, mas quase sempre sem adoptarem atitudes desculpadoras. Por isso sou um leitor assíduo dos autores estrangeiros que nos visitaram, especialmente no final do século XVIII e durante o século XIX. Também cá vieram e escreveram no século XX, mas a literatura de viagens de oitocentos era cultivada com outro esmero...

A primeira conclusão que se impõe é a de não termos sido sempre constantes. A seguir aos Descobrimientos ficámos muito seguros e parece que até fomos arrogantes. Mas Alcácer-Quibir e a junção das coroas no soberano espanhol representaram um rude golpe que afectou profundamente a maneira de ser dos Portugueses. Em conversa com o Prof. António José Saraiva, ele disse-me mesmo, um dia, que Portugal tinha perecido naquela expedição e que, depois da batalha, havíamos passado a ser outra coisa. É evidente que isso não

aconteceu de supetão. Estas coisas do comportamento e, ainda por cima, do comportamento colectivo levam tempo a tomar forma e a consolidar-se, sendo certo que nós sentimos profundamente o golpe que sofremos. Contudo, isso sucedeu há mais de quatro séculos, tempo mais do que suficiente para recuperarmos. A verdade é que, depois disso, ninguém nos apontou tiques de arrogância. De vaidade, sempre houve muitos, especialmente quando sucedia existirem meios para lhes dar expressão visível. De superioridade convicta, talvez tenha havido casos individuais, mas não estendida a toda a grei e de forma impositiva, como sucede com alguns povos europeus, com mais permanência nuns, de forma transitória noutros ou de modo recorrente nuns tantos.

Pelo contrário, parece-me que padecemos da moléstia contrária, tal é o número de vezes que se ouve propor acções que estimulem a nossa auto-estima e o reforço da nossa autoconfiança. Era Fernando Pessoa que dizia que um povo que pensa sistematicamente mal de si próprio acaba por transformar-se naquilo que pensa. Por isso, ou deixamos de dizer mal de nós ou teremos de pagar a consultores que nos elaborem, a bom preço, programas que nos exaltem e projectem para cima.

Como sucede com frequência, a verdade deve estar algures no meio. Alguns dos nossos concidadãos não padecem, manifestamente, de qualquer debilidade da vontade ou da ambição; mas, para muitos, seria bom que dessem mostras de maior determinação e confiança, repousando mais nas suas próprias capacidades do que na acção de outros ou na conjunção dos astros. É certo que isso obriga a melhorar, continuamente, essas capacidades porque não me parece que se nasça dotado com todas as virtudes. Uma boa parte delas é genética, naturalmente, mas a restante é adquirida. Eu sou dos que acreditam muito nos benefícios da educação e nos esforços que cada um fizer para adquirir novos conhecimentos e para aprofundar a sua perspectiva do mundo.

As coisas estão hoje (2020) muito melhores do que há quarenta anos (1980). Mas ainda não somos «fanáticos» em relação às virtualidades da aprendizagem e do recurso às diversas formas de afeiçoar a mente e o corpo às enormes exigências do nosso tem-

po. Até a vontade se exercita! Mas o que se revela determinante é uma aplicação tenaz na acção, visando adquirir atitudes e hábitos que favoreçam a evolução pessoal de cada um em particular e da sociedade em geral.

Quando se olha para o comportamento dos Portugueses ao longo dos últimos dois séculos, o que surpreende pela negativa é o seu elevado grau de indiferentismo, que conduz facilmente à anarquia. Os períodos de ordem democrática acompanhados de evolução positiva mostram-se com tendência para ser curtos, não permitindo alcançar estádios de desafogo económico com distribuição equitativa da riqueza entretanto criada. Aborrece-nos a disciplina e o esforço aplicado. Manifestamente, parece que pendemos mais para a cigarra do que para a formiga, quando é certo que só da conjugação dessas duas propensões se conseguirá assegurar um equilíbrio que contente o maior número.

O grande desafio que temos diante de nós é o de fazer cidadãos identificados com a Nação, conscientes dos seus direitos mas também das suas obrigações, sempre prontos a intervir na vida colectiva e muito activos na sua vida particular. Ninguém pode deixar para outros a escolha do caminho a trilhar pelo grupo nem deixar de assegurar que está a dar a si e aos outros o fruto das suas capacidades pessoais, tanto das intelectuais como das materiais que reclamam uma acção aplicada.



O título deste livro inclui-me naturalmente nos retratados. Devo possuir todos os defeitos mencionados e poucas das qualidades referidas. Mas tenho convivido com ambos... embora caia continuamente na ratoeira do «quem não pergunta sempre o que é ser Português, não é Português». Tive a sorte de viver algum tempo fora de Portugal e de viajar bastante, ao longo da vida, e de olhar sempre com interesse para os meus concidadãos. Por isso, era fatal que fosse fazendo comparações e perguntasse a mim mesmo como é que nós acabamos por ser o que somos e, tendo as qualidades manifestas que temos, por que razão não conseguimos estar na

primeira linha dos povos desenvolvidos. O que é que nos distraiu desse fito ao longo da História?

A conclusão a que chego não é lisonjeira: as nossas elites não cumpriram o seu papel! Deixaram-se enleiar por questões menores e foram preguiçosas no esforço, que deve ser contínuo, de olhar para nós e para o mundo e de ser crítico. Como agora se diz, permaneceram na sua área de conforto e não se preocuparam em enquadrar os que tinham menos oportunidades. No fundo, não tiveram o sentido da imensa responsabilidade que sobre elas impende.

Os olhos com que aprecio os meus compatriotas são, naturalmente, críticos, ainda que nunca agressivos ou mesmo sem afecto. Mas são impacientes e não escondem a irritação que, por vezes, todos nós sentimos com um membro da família que tem capacidade para ser mais do que é e não faz esforços para beneficiar de todas as suas potencialidades.



Como se sabe, Portugal é o país com as fronteiras estáveis mais antigas do mundo. Mas, apesar de isso acontecer há bem mais de oito séculos, não significa que haja homogeneidade interna de atributos entre os portugueses.

São todos cordiais de norte a sul, mas numa reunião em Trás-os-Montes a conversa demora mais tempo a fluir do que no Algarve onde, por sistema, ela parece já ter começado antes, tais são a espontaneidade e a vivacidade com que todos se dirigem a todos. Até os decibéis são mais altos!

Há diferenças de carácter a que a literatura e a História fazem referência. Trás-os-Montes deu inúmeros generais, almirantes, conselheiros, professores, altos funcionários que serviram o País com a maior competência, mas não foi o berço de muitos empresários. Pelo contrário, o Minho, o Douro Litoral e a Beira Litoral têm sido verdadeiros alfobres de empresários, desde as grandes unidades até às mais pequenas. O individualismo espicaça a tentativa de realização pessoal através da constituição de empresas; têm mais sentido de risco e, também, maior versatilidade nas relações. Por alguma

razão, quando a regra era fazer fé em duas testemunhas, D. João II introduziu a obrigação de serem três, se fossem minhotos...

Não conheço nenhum estudo especificamente orientado para identificar a naturalidade e local de permanência até à adolescência dos nossos quadros mais destacados, incluindo a Administração, as Forças Armadas, a academia, as artes e o sector privado. Não interessam os locais de formação superior porque o peso de Coimbra para as profissões jurídicas e de Lisboa para as militares deformariam a resposta. O que traria indicações relevantes seria o tempo dos sonhos e esse é, seguramente, a adolescência, porque os jovens no vestibulo da maioridade já decidiram, em grandíssimo número, a sua opção. O que importa é descortinar os «modelos» que se instalaram no espírito desses jovens e os fizeram seguir os rumos por que optaram.

As últimas décadas terão menos interesse, a esse respeito, porque foram neste domínio muito afectadas pelas vagas existentes no ensino superior e, naturalmente, condicionadas pela proliferação das grandes extensões suburbanas. O estudo destas será também interessante e dará muitas respostas em relação às aspirações dos jovens, mas fará menos luz sobre as diferenças de modelos ao longo do País.

Como em todos os países, há diferenças muito expressivas de sotaques, no território português. Quando estava na tropa e acolhia recrutas, era fácilimo dizer se o que chegava era algarvio, alentejano ou minhoto, o que lhes causava sempre grande surpresa. Todavia, mesmo em Lisboa ou no Porto, a pronúncia de certas zonas mais populares pode distinguir-se claramente, sem se ser o especialista Mr. Higgins de *My Fair Lady*...

Sabe-se que a Escócia sempre foi um alfobre de engenheiros, que aliás sobressaíram em todo o Império Britânico. No nosso caso, e apesar da pequena extensão de Portugal, há, seguramente, variação de perfil entre os originários das suas diferentes regiões. Isso sente quem teve de lidar com gente de todo o País. Valeria a pena fazer um estudo histórico consistente abarcando os dois últimos séculos, ao longo dos quais houve alguma mobilidade e em relação aos quais já há distanciamento histórico.



As observações que vêm a seguir devem ser consideradas como contributos para a definição do «fundo temperamental»<sup>1</sup> dos Portugueses. O progresso das telecomunicações e, especialmente, da televisão operou, ao longo das últimas décadas, uma grande homogeneização de atitudes e de comportamentos que atenuou bastante quaisquer diferenças regionais que existiram e existem, obviamente, mas num quadro de grande regularidade nacional. Há especificidades regionais e alguns «tiques» sociais, mas a escolarização, a prática do desporto, a partilha do mesmo tipo de divertimentos, a televisão e as redes sociais generalizaram a toda a colectividade traços comuns que os tornam muito mais parecidos uns com os outros do que com os naturais de qualquer outro país.

Mesmo as diferenças imputáveis a estratos sociais diferentes têm evoluído no sentido da sua atenuação. Há, efectivamente, um «fundo temperamental» comum e é esse que nos interessa caracterizar, sem nos ocuparmos muito com as diferenças regionais ou sociais.



Distinguir as características que são as nossas pelas influências que herdámos não é tarefa fácil para a ciência. Saber se somos mais dados à lírica do que à épica, por causa da influência céltica, ou se temos jeito para a informática, por causa da ascendência árabe de muitos de nós, parece-me ser um tanto fútil por não haver instrumentos científicos adequados a tão fascinantes indagações. Mais susceptíveis de caracterização parecem ser as ligações entre alguns parâmetros físicos e a maneira de ser dos indivíduos; que haja disfunção entre os dolicocefalos dominantes em Trás-os-Montes e Beiras e os braquicefalos (celtas) do Minho e do Algarve é mais susceptível de evidência empírica, pelo menos do lado antropométrico. Não sei, contudo, se isso adianta muito por que as influências

---

<sup>1</sup> Dias, Jorge, *O Essencial sobre os Elementos Fundamentais da Cultura Portuguesa*, INCM, Lisboa, 1986.

culturais devem pesar mais fortemente sobre os valores, as atitudes e os comportamentos.

A minha ambição é muito menor. Resume-se a caracterizar como somos, no princípio do século XXI, em resultado de um processo histórico longo que nos fez habituarmo-nos a viver juntos, muitas vezes em oposição aos que nos rodeavam, mas incorporando sempre as influências daqueles com quem lidámos.



No que vem a seguir, não usei nenhuma metodologia própria da sociologia, da antropologia cultural ou da psicologia, todas elas constituindo ramos do saber nos quais não tenho formação nem competência. Trata-se, simplesmente, de notas resultantes de uma longa observação elaboradas por uma testemunha interessada.



Nas páginas que se seguem estão referidos alguns atributos, comportamentos, hábitos e manias que se observam com mais permanência nos Portugueses.

O que os caracteriza de forma mais expressiva é serem afectuosos, acolhedores e solidários. Mas também têm defeitos! Ou melhor, algumas falhas. E estas são, especialmente, as que se revelam mais necessárias para realizar as suas ambições de progresso material e espiritual. Alguns portugueses são ambiciosos e uns tantos são até muito ambiciosos. Mas o comum costuma contentar-se com levar a sua vidinha sem grandes canseiras. Gostariam de aceder aos benefícios que habitualmente decorrem do esforço, da aplicação e do método. Contudo, parece que, se isso for muito exigente, o compromisso com a fruição de uma vida tranquila assalta-os com facilidade e esmorecem no alento. A menos que tenham emigrado! Nessa ocasião, dão tudo por tudo, porque a única alternativa que se impõem é vencer. E conseguem-no.

